****

**RELATÓRIO SOBRE A CIMEIRA DA NATO 2022 EM MADRID**

**A 32ª Cimeira da NATO terá lugar em Madrid nos dias 29 e 30 de Junho. Esta não será apenas[[1]](#footnote-2) mais uma cimeira.** Está planeada uma redefinição do papel da Aliança para a alinhar com a doutrina da Grande Reposição promovida pelas grandes potências supranacionais ocidentais e, além disso, a OTAN será vista como um instrumento necessário para subjugar a Rússia e a China.

Este texto pretende esclarecer (1) **a importância da cimeira e** (2) **o significado que terá para a vida da maioria da população mundial.**

Além disso, centrar-nos-emos nos dois mecanismos de guerra: a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e as bases militares dos EUA em Espanha.

Relatar não é simplesmente relatar os factos, as causas e as suas consequências, mas analisar os motivos. Precisamos de ter o discernimento para estar conscientes e para agir com rigor e determinação. O complexo militar industrial, do qual ambas as organizações são uma parte essencial, é uma teia complexa difícil de abranger, que não pode ser resumida em poucas palavras, nem simplificada em poucas ideias, mas que deve ser entendida na sua totalidade se quisermos agir no sentido da sua eliminação.

Este ano, dois acontecimentos particularmente importantes serão assinalados: a Cimeira da OTAN 2022 em Madrid e a renovação do acordo sobre as bases militares dos EUA em Espanha.

A cimeira não será uma formalidade: a falta de unidade e coesão dos Estados membros é reconhecida, numa altura de dificuldades crescentes, a crise económica e institucional exige uma reordenação da qual a NATO será parte fundamental, o desenvolvimento da Rússia e da China ameaça a hegemonia dos EUA e, em tudo isto, o poder militar é um elemento chave.

O Estado espanhol é um elemento importante na geoestratégia militar e política, a sua localização estratégica torna-o ideal como enclave militar e as suas ligações com a América Latina tornam-no o melhor vector das políticas dos EUA naquela região em relação à Europa e para a introdução da NATO na América Latina, como se viu no caso da Colômbia.

Para facilitar a compreensão desta complexidade, **analisaremos a trajectória histórica da OTAN, a sua estrutura interna, o seu papel no sistema, as contradições a que está sujeita, o referendo de 1986, a importância da próxima cimeira, os riscos envolvidos no seu resultado e a necessidade de responder à barbárie que representa.**

Do mesmo modo, abordaremos o caso das bases dos EUA em Espanha, a sua origem, a sua história como herança da ditadura, o seu papel actual e a subordinação que representam. Finalmente, referir-nos-emos aos movimentos que historicamente responderam a estas agressões e à necessidade de as relançar.

**1.- OTAN, muito mais do que uma organização armada.**

Para compreender a importância e significado destas mudanças, precisamos de compreender a trajectória e lógica desta organização armada, a sua ordem interna e o seu envolvimento nas esferas económica, política e geoestratégica.

A OTAN seguiu uma trajectória linear estabelecida mesmo antes da sua fundação: remover quaisquer impedimentos à extensão e hegemonia ocidentais sob o comando dos EUA.

Acredita-se geralmente que a OTAN foi concebida e promovida pelos Estados Unidos, mas na realidade foi o Império Britânico. Em Maio de 1945, Winston Churchill encarregou as forças armadas britânicas de desenvolver um plano para invadir e subjugar a URSS, **"impor à Rússia a vontade dos Estados Unidos e do Império Britânico"**, disse o primeiro-ministro, ou seja, liquidar o socialismo no planeta, destruir o seu exército, confiscar os imensos recursos daquela nação e assim perpetuar o seu destino imperial.

O plano foi chamado Operação Impensável e foi desenvolvido em pormenor. Previa a participação dos EUA, Canadá, Reino Unido, Polónia e 100.000 tropas alemãs e SS capturadas, as mesmas tropas que tinham causado entre 60 e 100 milhões de mortos, mais de 25 milhões dos quais na União Soviética. O que teria sido a Terceira Guerra Mundial não foi realizado devido à forte oposição de vários oficiais militares britânicos de alta patente que duvidaram do seu sucesso.

Outro caminho tinha de ser tentado. Tendo esta operação sido descartada, em 1946 e 1947 as campanhas para criminalizar a URSS foram intensificadas e vários planos foram desenvolvidos para "combater a ameaça soviética", com várias "operações defensivas" a serem levadas a cabo contra a URSS.

A ideia de fazer desaparecer a URSS, ou pelo menos sujeitá-la a assédio permanente, persistiu e a 12 de Março de 1947 o Presidente dos EUA, Harry Truman, dirigiu-se ao Congresso para pedir o envio de tropas e recursos económicos para a Grécia e a Turquia para "ajudar as nações livres e independentes a manterem a sua liberdade". A **Guerra Fria** começou**: a mudança de uma política isolacionista dos EUA para uma política expansionista e, portanto, intervencionista, destinada a impor a sua hegemonia em todo o planeta.**

Não se tratava apenas de substituir a tutela do Império Britânico nestes dois países: era o primeiro passo numa ofensiva pelo domínio mundial e a subjugação da União Soviética era o objectivo central. A Grécia e a Turquia eram a porta de entrada para o Mar Negro e, portanto, para o coração da URSS (ambos aderiram à NATO em 1952). Nas palavras do editorialista americano Walter Liman, "a Grécia e a Turquia eram a desculpa para dominar a União Soviética".

Em 1948, foi assinado o Tratado de Bruxelas entre a França, o Reino Unido, a Bélgica, os Países Baixos e o Luxemburgo. Um grupo de potências coloniais europeias que viria a formar o embrião da OTAN. Os seus cinco membros deviam ser parceiros fundadores da Aliança e o Tratado de Bruxelas já incluía o princípio da defesa mútua, o princípio fundador da OTAN. Os exércitos secretos criados pelos Estados Unidos e o Reino Unido, a CIA e o MI6, sob o nome *Stay Behind*, foram integrados neste tratado e depois transferidos para a OTAN.

A Organização do Tratado do Atlântico Norte foi criada a 4 de Abril de 1949; aos cinco membros do Tratado de Bruxelas juntaram-se a Islândia, Noruega, Dinamarca, Portugal, Itália, Canadá e os Estados Unidos.

O início da expansão imperial dos EUA como força hegemónica teve de ultrapassar obstáculos internos: a doutrina da Guerra Fria, que implicava enormes despesas económicas, movimentos de tropas e pesadas baixas, apenas dois anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, precisava de uma justificação sólida. Foi encontrada pelo senador democrata Arthur H. Vandemberg: **"para assustar o povo americano até à morte";** e foi conseguido afirmando que "eram necessárias medidas para defender os povos livres das ameaças ao capitalismo americano"; a sobrevivência do "estilo de vida americano" estava em jogo.

A OTAN foi criada como a ala armada desta doutrina em perfeita harmonia com o que se estava a desenvolver na Europa. Para que os Estados Unidos pudessem aderir à aliança, era necessário violar a sua constituição, que proíbe expressamente a adesão a uma aliança militar em tempo de paz. Foi novamente o Senador Vandemberg que, em Junho de 1948, promoveu a Resolução 239, a Resolução Vandemberg, na qual, apelando à segurança colectiva na Europa para garantir a defesa do mundo livre, obteve a sua aprovação.

A NATO foi formada como uma aliança político-militar ocidental para responder aos desafios políticos, sociais, económicos e militares colocados pela URSS e pelo campo socialista emergente.

Apesar da propaganda que justificava a sua fundação como garantia de paz no continente europeu, as suas acções foram no sentido contrário. A URSS, que se tinha candidatado à adesão em 1954 como aliada contra as potências do Eixo e tinha cedido Berlim Ocidental para não entrar em conflito com os outros aliados, não foi admitida na NATO. Esta exclusão, para além do sinal claro que os EUA tinham enviado expressamente à URSS com as explosões nucleares em Hiroshima e Nagasaki e a entrada da República Federal da Alemanha, pôs fim a qualquer esperança de coexistência pacífica e levou a URSS a desenvolver as suas armas nucleares e à formação do Pacto de Varsóvia em 1955.

**A NATO, uma força global fora do direito internacional e da Carta das Nações Unidas que se está a expandir em todo o planeta.**

Ao longo da sua história, que durou mais de sete décadas, este instrumento de domínio mundial desenvolveu-se constantemente, o seu poder e a sua extensão não cessou de crescer até hoje, tendo-se tornado uma força global presente em todo o planeta, actuando fora do direito internacional e da Carta das Nações Unidas. A NATO sempre foi impulsionada pelos interesses do mundo desenvolvido ocidental e especialmente do eixo anglo-saxónico, e os seus aliados são actores subordinados numa organização militar hierárquica e disciplinar sob o comando estatutário dos EUA.[[2]](#footnote-3)

A carta fundadora da OTAN, também chamada Tratado de Washington, é um tratado militar de cooperação e protecção económica, política e militar. Os seus membros fundadores aceitaram a hegemonia permanente dos Estados Unidos, que foi consagrada na sua carta: o comandante-chefe deve ser americano e, portanto, nomeado pelo presidente dos EUA. O artigo 5º do texto fundador estabelece que qualquer agressão contra um dos seus membros envolverá o resto na sua defesa. A combinação destes dois preceitos fixa a subordinação do resto aos interesses dos EUA, sem qualquer instância democrática.

Nos primeiros anos após a sua fundação, a NATO foi a única aliança político-militar do mundo. Ao expandir-se na década de 1950, integrou a Grécia, a Turquia e a República Federal da Alemanha. Já não se tratava apenas de controlar o acesso ao Mar Negro e, portanto, ao coração da União Soviética, mas também de colocar as tropas da aliança ocidental na fronteira do campo socialista. A resposta foi a criação do Pacto de Varsóvia, uma aliança militar que incluía a URSS e sete países da Europa Oriental, incluindo a República Democrática Alemã. Como será o caso durante a Guerra Fria e continua até aos dias de hoje, a história foi contada ao contrário: A NATO foi criada face à ameaça da URSS e do Pacto de Varsóvia.

O Pacto de Varsóvia foi dissolvido em 1991, mas não a NATO, que duplicou a sua adesão. **Assim, ter-se-ia de concluir que o Pacto de Varsóvia não era uma ameaça real mas um impedimento à expansão global da OTAN, tal como hoje em dia nem a China nem a Federação Russa são uma ameaça para o Ocidente mas um impedimento ao domínio dos EUA no mundo.**

Desde então, a NATO não parou de se expandir territorial, militar e economicamente, nem renunciou a qualquer tipo de guerra.

Na sua área externa, a OTAN tem continuado a crescer[[3]](#footnote-4). Aos doze membros fundadores juntaram-se mais três na década de 1950, um na década de 1980, mais três em 1999, nove na primeira década do século XXI e dois na segunda década, sendo a mais recente a Macedónia do Norte em 2020, no meio da pandemia da COVID-19.

Actualmente existem 30 parceiros da OTAN, todos eles, desde 1999, resultantes do desmembramento do bloco socialista e do desmembramento da ex-Jugoslávia, violando expressamente o compromisso do Ocidente como condição para a dissolução do Pacto de Varsóvia. Foi criado um **cerco de ferro** em torno da Rússia, e a actual tentativa de incluir a Ucrânia como parceiro da OTAN é a última provocação e ameaça real do Ocidente à Rússia, que tem sido assediada ininterruptamente desde 1945.

A expansão da OTAN não se limitou ao número de membros: a Aliança Atlântica desenvolveu uma vasta gama de ofertas de parceria: nove países (incluindo Colômbia, Japão e Austrália) são Parceiros Globais; 20 países são membros do Conselho de Parceria Euro-Atlântica; sete países (incluindo Israel) são membros do Diálogo Mediterrânico; quatro países do Golfo Pérsico são membros da Iniciativa de Cooperação de Istambul; e 40 países no total são membros da Iniciativa de Cooperação de Istambul. Entre membros parceiros e filiados, **70 países estão ligados de alguma forma à OTAN e vivem sob a influência ou controlo dos EUA.**

As acções da NATO não se limitaram à esfera externa dos seus membros; a fim de garantir a subordinação aos EUA, não foi considerado suficiente para disciplinar governos e Estados; foi considerado necessário garantir forças semelhantes no poder e eliminar qualquer pessoa que questionasse esta situação, quer constituíssem ou não uma ameaça real. A doutrina seguida pelos EUA na América Latina durante dois séculos estende-se a todo o mundo.

**A OTAN promoveu, organizou e financiou organizações criminosas que operavam em toda a Europa.**

Está provado que a OTAN, durante quatro décadas, promoveu, organizou, financiou e treinou organizações criminosas que realizaram ataques na Europa ao serviço dos EUA e dos seus aliados mais próximos. Embora a sua existência fosse reconhecida, apenas foram investigadas em Itália, Bélgica e Suíça. **Ninguém foi condenado, as investigações não foram prosseguidas e suspeita-se que estas redes ainda existam, mais protegidas e com outros nomes.**

No entanto, estas acções menos conhecidas estão bem documentadas. A rede Stay Behind[[4]](#footnote-5) desenvolveu-se como o exército secreto da NATO, que durante décadas foi treinado, financiado e protegido pela NATO e pela CIA, os seus homens, ligados à extrema-direita europeia, levaram a cabo centenas de actos terroristas. A estrutura destes exércitos secretos, com a participação de destacados militantes nazis e fascistas e mesmo mercenários belgas no Congo, espalhou-se pela maioria dos países da Europa Ocidental; em 8 dos 15 países da aliança, estas redes estiveram activas desde finais da década de 1940. A rede foi concebida para criar forças encobertas para lidar com uma "invasão russa".

Embora tenha sido estabelecido que tal invasão nunca teve lugar, nem havia qualquer indicação de que pudesse ter ocorrido, a base operacional foi criada e reconvertida. Foi denominada a "estratégia da tensão": provocar ataques de bandeira falsa, acusar comunistas e organizações de esquerda, exigir a repressão destas organizações e implementar leis restritivas contra quaisquer exigências. O objectivo era sempre "impedir qualquer deslize para a esquerda"; na maioria dos casos era impedir qualquer força comunista ou mesmo socialista de chegar ao poder.

Centenas de pessoas foram mortas nestas acções e três vezes mais feridas. Durante os chamados "anos de chumbo", só no norte de Itália ocorreram 375 ataques, com 21 mortos, sendo os mais significativos os ataques à Banca Nazionale d'Agricoltura com 16 mortos e à estação ferroviária de Bolonha com 80 mortos e mais de 200 feridos. Existem também fortes suspeitas de envolvimento nos assassinatos do Primeiro Ministro sueco Olaf Palme e do Primeiro Ministro italiano Aldo Moro.

O Presidente do Conselho de Ministros Giulio Andreotti tornou pública a sua existência, a chamada *Rede Gladio*, que foi responsável pelo bombardeamento da estação ferroviária de Bolonha em 1980, uma acção destinada a impedir o Partido Comunista Italiano de entrar no governo.

O terrorismo nas mãos da NATO, com a colaboração da CIA, não é um exercício da imaginação, nem uma suspeita: em Novembro de 1990, o Secretário-Geral da NATO Manfred Wörner admitiu a 16 embaixadores europeus que a NATO coordenava a Rede Gladio; no mesmo ano, o Parlamento Europeu aprovou uma resolução condenando "a existência de uma rede clandestina de informações e operações armadas" "que pode ter interferido na política interna de vários países europeus, para além de actos de terrorismo e crimes".

Apesar desta evidência, o nível de dependência e subserviência da Europa em relação aos EUA através da OTAN continua a ser um pilar essencial. Isto é evidenciado pelos esforços de longa data e sem sucesso para criar um exército europeu próprio, com as suas próprias estruturas de decisão política e de comando militar. Apesar de graves contradições no interesse dos vários parceiros da aliança de ambos os lados do Atlântico, as nações europeias não conseguiram livrar-se do jugo dos EUA, o que acabou por tornar inevitável a sua intervenção em apoio às aventuras militares dos EUA.

**A OTAN ao serviço da exploração e da acumulação capitalista.**

A OTAN não é apenas uma organização político-militar, o que explicaria a sua existência como instrumento de domínio sobre outros países, mas desempenha um papel essencial nos processos de acumulação de capital**. No exterior, fornece matérias-primas de baixo custo, mercados desregulamentados e assegura o comércio e o investimento em condições favoráveis. Tudo isto sob a bandeira de proporcionar "estabilidade". Internamente, é uma parte essencial do complexo militar-industrial, essencial para a lógica da acumulação interna nos países da Aliança.**

A NATO também pertence à esfera económica institucional: a indústria bélica lida com enormes quantidades de dinheiro, não só na produção e comercialização de armamento, mas também dos seus derivados (munições, combustível, pessoal, "contratantes", investigação, tecnologia e, acima de tudo, finanças).

Este conglomerado, conhecido como o *complexo industrial militar*, foi denunciado por Eisenhower a 14 de Janeiro de 1961 no seu discurso de despedida ao Congresso dos EUA. Nele, disse ele: "Devemos estar vigilantes contra o desenvolvimento de influência indevida, quer procurada ou não, pelo complexo industrial militar. Existem e existirão circunstâncias que tornarão possível a emergência de poderes em lugares indevidos com efeitos desastrosos", "nunca devemos permitir que o peso dessa combinação ponha em perigo as nossas liberdades ou o nosso processo democrático". Deve acrescentar-se que o discurso original se referia ao "complexo do congresso militar industrial", referindo-se às ligações políticas desta rede. Isto acabou por ser eliminado, mas o discurso não foi proferido no Congresso, mas na Sala Oval do Presidente.

Estas não são as palavras de um pacifista, pois o mesmo discurso dizia "usamos a nossa força no interesse da paz mundial e do progresso humano" e acrescentava "um elemento vital na manutenção da paz é a nossa classe militar".

**O complexo industrial militar e tudo o que a ele está ligado envolve também um fluxo constante de dinheiro público para o sector privado - nada mais no mundo pode igualar este fluxo.** Pela sua própria natureza, o complexo industrial militar **é um ambiente à prova de crise, uma vez que a espiral de armas é essencial para o crescimento do sistema**, uma vez que actua sob a protecção do Estado e opera num "mercado" onde a procura e os preços são pré-determinados, as suas ligações externas abrem o controlo das exportações e garantem mercados estrangeiros. Isto ficou claro no recente caso da venda de submarinos franceses à Austrália e da quebra desse contrato pela imposição dos EUA à Austrália para comprar os seus submarinos. O eixo anglo-saxónico tem precedência na indústria da Ásia-Pacífico e os EUA têm a vantagem.

Deve notar-se, contudo, que existem contradições internas no interior do complexo industrial militar. Nos EUA, a indústria militar é estritamente privada, enquanto na Europa é público-privada. Os países europeus estão preocupados com a dependência tecnológica dos EUA, o que impõe restrições à integração dos seus sistemas e à exportação de armas. Isto representa um desafio insuperável à coordenação de uma defesa autónoma, que sujeita os países da Aliança à subordinação aos EUA.

**A importância do papel que a ciência e a tecnologia desempenham neste negócio deve ser realçada**. O desenvolvimento técnico-científico do armamento envolve uma espiral em constante crescimento que assegura a supremacia na inovação tecnológica; liderar neste aspecto é uma forma de liderar o mundo.

Os EUA estavam convencidos disto quando lançaram as bombas de Hiroshima e Nagasaki sobre o Japão no final da Segunda Guerra Mundial. Um único avião, um único voo, uma única bomba podia aniquilar uma cidade inteira e centenas de milhares de pessoas, o que apenas alguns meses antes exigia milhares de aviões, dias de cerco, dezenas de milhares de toneladas de bombas e pesadas baixas entre os atacantes. No entanto, esta preponderância foi de curta duração: o seu antagonista, a URSS, logo teve armas semelhantes à sua disposição e pouco tempo depois assumiu a liderança na corrida espacial, o que significou mísseis de longo alcance com armas nucleares.

Eisenhower no seu discurso ao Congresso também denunciou a dependência científico-técnica: "embora tendo o devido respeito pela investigação e descoberta científicas, devemos também estar atentos ao oposto e ao perigo igualmente grave de que a política que consiste em cuidar do interesse público se torne cativa de uma elite científico-tecnológica".

**Actualmente, tanto as potências económicas ocidentais como a OTAN vêem tanto a recuperação económica como a hegemonia militar no desenvolvimento técnico-científico, mas também como um paradigma sócio-laboral; isto, juntamente com o axioma da eficiência, pinta a perspectiva de um mundo altamente tecnológico ao serviço da acumulação económica e sujeito ao domínio das armas.**

**5.- O Estado espanhol é um actor chave na estratégia de belicismo ocidental.**

O Estado espanhol tem sido um elemento proeminente da estratégia de belicismo ocidental, especialmente a dos EUA. O **principal interesse desta superpotência até aos anos 80 foi a permanência das suas bases como enclaves militares. Desde então, este interesse tem-se mantido, mas tem sido acompanhado pelo interesse do Estado espanhol num maior envolvimento na OTAN e na implementação da sua influência na América Latina.**

O Estado espanhol tem sido único nos seus laços com o Ocidente. Nunca foi convidado a aderir à Comunidade Económica Europeia ou à NATO até depois da Transição, essencialmente devido à recusa dos países europeus em incluir uma ditadura que tinha lutado com os nazis. Para os EUA, isto não representava um grande problema, pois em 1953 já tinha acordado com Franco a instalação de bases militares em território espanhol sob a soberania e jurisdição dos EUA. Isto resolveu o problema para os EUA, assegurando um enclave à entrada do Mediterrâneo, na encruzilhada dos eixos Este-Oeste (América-Mediterrâneo) e Norte-Sul (Europa-África). A importância do acordo reflectiu-se na visita do Presidente Eisenhower dos EUA a Espanha em 1959, quando foi fotografado abraçando o ditador. A queda acidental de bombas nucleares na cidade e costa de Palomares (Almería), a 17 de Janeiro de 1966, pôs em evidência o enorme risco que estas bases implicam.

As boas relações com a ditadura e a encenação da saudação fraterna entre o presidente dos EUA e o ditador ocultaram, e escondem, a natureza dessas relações.

Entre Novembro de 1957 e Junho de 1958, a Espanha entrou em guerra no enclave sul marroquino de Sidi Ifni. Tropas marroquinas irregulares, autodenominando-se o Exército de Libertação, encorajadas pela monarquia Alaouite, atacaram o enclave, ao qual faltava uma defesa adequada. Nos meses de combate, houve 8.000 baixas entre os irregulares e 300 nas fileiras espanholas, com mais de 100 desaparecidos e 600 feridos.

O material de guerra espanhol era "muito pobre", os soldados desfilaram nas espadrilhas, as armas eram material de sucata alemão da Segunda Guerra Mundial, e a aviação, indispensável para a defesa do enclave, sofreu vários acidentes fatais nas descolagens e aterragens. Apesar destas dificuldades e das baixas que custou, os EUA proibiram a utilização do equipamento militar que tinha dado à Espanha em pagamento pelas suas bases na península.

O Almirante Carrero Blanco, vice-presidente do governo, resolveu a questão com a seguinte frase: "O Exército de Libertação é um instrumento da URSS, com o qual procura criar dificuldades para os ocidentais em África". Não foi a forma do vice-presidente espanhol ser um aliado incondicional dos Estados Unidos na Guerra Fria, mostrando ao mesmo tempo a sua submissão ao grande poder ao aceitar a proibição de utilizar armas que tinha e de que necessitava.

Uma história semelhante desdobrou-se no evento de Palomares. As forças norte-americanas destacadas para a área investigaram o acidente e recuperaram as armas nucleares, mas negligenciaram a população afectada e até hoje, 56 anos mais tarde, não cumpriram o seu compromisso de remover as terras contaminadas.

Também está presente a exclusão de Ceuta e Melilla da protecção da OTAN porque são considerados territórios ultramarinos. Em 2017, os EUA e o Reino Unido proibiram a atracação de navios de guerra da Federação Russa nestes portos, sem qualquer apoio legal e contra os critérios da Marinha espanhola, que argumentou que se não fosse território da OTAN, estes países não teriam nada a dizer.

Deve acrescentar-se que a Marinha espanhola também está aborrecida por os navios americanos utilizarem escoltas britânicas quando passam por águas territoriais espanholas.

Todos estes são exemplos de que nenhum sinal de respeito pode ser esperado quando as relações são marcadas pela subordinação e dependência.

**6.- As bases dos EUA no estado espanhol, um legado franquista que ainda está muito vivo.**

**As bases norte-americanas no Estado espanhol foram um dos quatro grandes legados do franquismo que não foram questionados nem pelo processo político institucional conhecido como "a transição" nem no seu resultado, a Constituição de 1978; os outros três foram a Concordata com a Santa Sé, a unidade de Espanha e o chefe de Estado; dos quatro, três deles ligados ao estabelecimento militar.**

Em 1970, Richard Nixon visitou Espanha numa digressão para assegurar a lealdade das quatro ditaduras do norte do Mediterrâneo: Portugal, Espanha, Grécia e Turquia. Em nenhum momento a democratização destes países, nem a sua liberdade ou situação dos direitos humanos, o único interesse era salvaguardar a sua lealdade e subordinação aos EUA.

Em 1973, o Secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger visitou Espanha, encontrando-se com o ditador e o então Príncipe Juan Carlos; a visita foi motivada pela saúde precária do ditador e o objectivo era assegurar que a sucessão ao poder não afectaria de forma alguma as suas bases em Espanha. **As suas exigências foram satisfeitas à letra e a transição não questionou nem a existência das bases nem a soberania dos EUA sobre as mesmas.** As transcrições destas entrevistas não revelam qualquer outro interesse para além da permanência das bases como enclaves militares; a transição política, a via democrática, os direitos humanos e uma suposta liberdade não eram objecto de interesse, como não tinham sido nas décadas anteriores.

Nessa altura, embora a Espanha não pertencesse à OTAN, não foi poupada às acções dos exércitos encobertos da Aliança. Existem suspeitas fundadas de que a rede Gladio e a CIA tinham cometido actos de terrorismo, colaborando no ataque a Carrero Blanco; numa nota do Departamento de Estado norte-americano, desclassificada em 2008, referindo-se à transição, é afirmado: "O melhor resultado que poderia emergir... seria que a Carrero desaparecesse de cena". Também na intervenção fascista em Monte Jurra, o massacre dos advogados trabalhistas de Atocha e outras acções semelhantes.

**7.- O referendo da NATO ou a história de uma farsa e a cessão de soberania.**

A entrada de Espanha na OTAN foi irregular e por vezes grotesca, atormentada por contradições que demonstram que **nunca houve qualquer mandato ou critério popular próprio relativamente à nossa política externa, muito menos o nosso envolvimento na esfera militar internacional, mas que agimos sob um mandato dos EUA.**

Em 1977, a UCD, na sua declaração programática, referindo-se à OTAN, declarou que "qualquer decisão deve ser tomada após um debate parlamentar exaustivo". A 23 de Fevereiro de 1981, ocorreu uma tentativa de golpe de Estado durante a tomada de posse do novo presidente, Calvo Sotelo, que substituiu o demissionário Adolfo Suarez, assumindo assim legalmente a presidência, mas sem legitimidade popular. Três meses mais tarde, ainda sob os efeitos da tentativa de golpe e com uma sondagem a mostrar 18% da população a favor da adesão à OTAN e 52% contra, e sem qualquer consulta popular, a Espanha aderiu à OTAN.

No ano seguinte realizaram-se eleições gerais e o PSOE, consciente da rejeição popular maciça da NATO, lançou o slogan eleitoral "NATO não desde o início" e propôs uma consulta popular sobre a nossa permanência se ganhasse as eleições; ganhou por maioria absoluta e começou a refazer o caminho. Apela a um referendo não vinculativo sobre a permanência na Aliança, para o qual **pede um voto favorável, sujeito a três condições: não adesão à estrutura militar, proibição do trânsito e armazenamento de armas nucleares e redução das bases dos EUA.** Felipe González, então presidente, que em 1981 tinha dito que "a NATO deu cobertura a ditaduras como Portugal, Grécia e Turquia", em 1986, durante a campanha para o referendo, afirmou que a NATO "era um agrupamento de democracias", uma frase que se repete até hoje.

O voto "sim" teve o apoio não só da maioria política, mas também dos sectores económicos mais importantes e de todo o aparelho estatal. Nenhum recurso foi poupado e nenhuma forma de manipulação, coerção ou chantagem foi renunciada. A questão era tendenciosa, a pergunta não mencionava a OTAN, o sim tinha três condicionalidades, não estava sujeito a qualquer processo de verificação ou controlo, e a redacção da pergunta foi testada num estudo cuidadoso por uma equipa de sociólogos liderada pelo académico Jesús Ibáñez. Os meios de comunicação social foram censurados a favor de um voto no não, foram utilizados todos os tipos de personalidades conhecidas a favor de um voto no sim, foram feitas ameaças de dificuldades económicas que poriam em perigo as pensões e a rejeição da Europa, e o próprio presidente declarou que se demitiria se saísse um voto no não, aludindo ao caos vivido em 1981.

No entanto, uma semana antes do Referendo, as sondagens foram favoráveis ao Não por uma grande maioria; no entanto, o resultado oficial foi uma vitória estreita para o Sim, embora **em quatro comunidades o Não tenha triunfado (Catalunha, País Basco, Navarra e Ilhas Canárias)**; e para muitas este resultado não foi nem fiável nem legítimo.

Em 1997, Aznar inverteu oficialmente as três condições do "sim" no referendo, mas estas já tinham sido violadas de facto. O Acordo de Defesa de 1988 já previa a proibição de armas nucleares americanas em Espanha, embora não tivessem sido estabelecidos mecanismos para o seu controlo. As tropas e os contingentes de armamento dos EUA e da OTAN continuaram a aumentar. Em 1999, o Estado espanhol aderiu à Estrutura Militar Integrada. Actualmente, a Espanha é um parceiro estratégico fundamental da OTAN e Rota, Morón e Torrejón são enclaves essenciais da OTAN, áreas de comando, tropas e de armamento estratégico. A Espanha participou em greves militares, ocupações e missões no Mediterrâneo Oriental, Médio Oriente, África e Europa Oriental e contribui com 5% do orçamento da Aliança.

**O referendo de 1986 foi uma farsa; nunca se destinou a cumprir a vontade do povo, que era supostamente o seu objectivo. A** adesão à NATO e as servidões do Acordo de Defesa com os EUA subordinam não só as próprias forças armadas, mas todo o aparelho de Estado, **implicando uma cessão de soberania que deixa a própria constituição espanhola letra morta.**

Na esfera militar, a adesão de Espanha à OTAN condiciona não só a estrutura das suas forças armadas, orientando-as para a intervenção no estrangeiro e atacando países com os quais não temos conflitos, mas também a sua dimensão, os seus próprios sistemas de armamento e os seus custos de manutenção estão muito para além das necessidades de defesa do Estado espanhol e da sua capacidade económica.

Implica também um elevado nível de dependência tecnológica e logística dos países membros em que se concentram as importações de armas, principalmente os EUA. Isto gera fortes dependências, tanto em termos de defesa autónoma dos interesses do país, por exemplo, contra Marrocos, como em termos de encorajar-nos a participar em operações de agressão contra outros países.

Esta dependência tecnológica não só condiciona a importação de armas; também facilita o crescimento de uma filial da indústria militar para investimentos estrangeiros muito afastados dos interesses do país e gerando políticas de exportação de armas para países como Israel, Arábia Saudita, Colômbia..., envolvidos em intervenções genocidas contra os seus países vizinhos ou em massacres contra os seus próprios povos. **Arrasta também ao longo de uma indústria nacional desonesta, principalmente centrada nas munições, fortemente envolvida no tráfico internacional de armas.**

Outra consequência de pertencer à estrutura militar da NATO é a presença de instalações e centros de comando da NATO em território espanhol, associados às instalações e centros de comando das próprias forças [[5]](#footnote-6)armadas nacionais. Isto gera subsidiariedade na tomada de decisões e em muitas das suas próprias acções militares.

**Os Centros de Comando para operações expedicionárias das forças terrestres (em Bétera) [[6]](#footnote-7)e navais (a bordo do "Castilla" baseado na Rota), bem como o Centro de Controlo de Operações Aéreas Combinadas em Torrejón, são um exemplo de dependência militar na condução de operações da OTAN.** Existem muitos outros exemplos de unidades ao serviço da NATO que se prestam à participação de forças militares estrangeiras para treino[[7]](#footnote-8) ou tutela em missões da NATO, tais como o contingente colombiano no Afeganistão, as forças armadas de um país que não é membro da NATO, mas que actua numa missão da NATO sob a égide do Estado espanhol.

**A adesão à OTAN, longe de facilitar a purga da estrutura fascista da hierarquia militar, reforçou as redes clientelísticas pré-existentes de nepotismo e arbitrariedade**: o envolvimento em operações armadas facilita a aquisição de mérito por indivíduos que normalizaram a participação em matanças e massacres indiscriminados, tal como observado nos seus pares nos países "mais avançados" supremacistas e que procuram imitar pela sua "eficácia"; isto, por sua vez, favorece a selecção e promoção através das fileiras de elementos predispostos a tais ignomínios.

O precedente histórico de tal disfunção dentro do exército espanhol é o resultado do desenvolvimento do oficialismo africanista no século passado, que não hesitou em aplicar os métodos bárbaros de zombar da população civil utilizados na guerra colonial espanhola em África, a repressão levada a cabo nas Astúrias em 1934 e, sobretudo, a brutal limpeza política, a "zombaria" levada a cabo depois do golpe de Estado de 1936 e depois da guerra, que deixou mais de cem mil civis assassinados e ainda desaparecidos na sarjeta.

Às implicações da adesão à OTAN devem acrescentar-se as dependências geradas pelo chamado Acordo de Defesa com os EUA: em troca da livre utilização das bases de Rota e Morón para todas as operações expedicionárias dos EUA, temos de suportar uma ocupação militar sem qualquer escrutínio e compromisso com as suas acções criminosas como se não estivessem connosco, sem qualquer garantia de que viriam em nossa defesa e expondo-nos ao risco real de possíveis represálias no nosso território.

Na esfera política, a adesão à OTAN gera toda uma rede de influência e pressão embutida no aparelho estatal espanhol. A tomada de decisões é alimentada por informação retrabalhada e filtrada por estas redes, o que a condiciona fortemente, transformando o próprio Estado num instrumento subordinado aos interesses dos países que lideram a aliança militar. Os serviços de inteligência, a CNI, são fortemente penetrados, através da chamada "colaboração", por serviços estrangeiros, fundamentalmente a CIA e a [[8]](#footnote-9)Mossad israelita, o que limita e condiciona severamente o seu trabalho.

**8.- A importância da Cimeira da OTAN em 2022: Reordenar a Aliança para se adaptar aos novos tempos.**

Mais uma vez, esta cimeira servirá para reforçar e desenvolver a alternativa belicista da aliança**.** Nem todas as cimeiras têm tido o mesmo significado**. Esta será provavelmente uma das mais significativas, não por causa do anúncio de uma redução do seu potencial militar, da sua interferência política ou da sua trajectória expansionista, mas por causa do oposto.**

No caso de Espanha, esta cimeira é particularmente relevante por várias razões: a sua posição no complexo industrial militar, a sua situação geoestratégica, e o seu papel como vector da política externa dos EUA na Europa, especialmente no caso da América Latina. Mas esta cimeira coincidirá também com a renovação do Acordo de Cooperação em Defesa entre o Reino de Espanha e os Estados Unidos da América sobre a transferência do nosso solo e da nossa soberania para as bases dos EUA no nosso território.

**A segurança é vendida e o terror é espalhado. Esta lógica é necessária para manter o modo de funcionamento do capitalismo e para assegurar os interesses das elites. Não é uma opção, é uma necessidade.** Os seus verdadeiros objectivos são inomináveis e por isso são necessárias campanhas sistemáticas de propaganda para encobrir e adoçar as suas acções com o único objectivo de serem toleradas.

Como já vimos, ao longo da sua história a NATO actuou sem respeitar o mandato da ONU, não respeitou a Carta da ONU e violou sistematicamente os direitos humanos dos habitantes dos países onde interveio, especialmente na Jugoslávia, na Ásia Central e no Médio Oriente. Contudo, estas alegações não parecem constituir um obstáculo à alteração da lógica em que opera.

A NATO segue um procedimento de acção baseado na inversão, fazendo parecer que tudo o que faz é em defesa dos valores mais elevados da humanidade: paz, direitos humanos, liberdade, segurança... em suma, tudo o que constitui uma imagem ideal e desejável. Evidentemente, as suas acções militares são sempre justificadas e realizadas em resposta a uma agressão ou a uma ameaça iminente e sempre para proteger e ajudar a população. No entanto, as alegadas ameaças e agressões nunca são confirmadas por organismos independentes, mas o número de baixas e destruição é confirmado.

Durante décadas, a OTAN foi sustentada pela necessidade de enfrentar o Pacto de Varsóvia. Quando o Pacto de Varsóvia foi dissolvido**, a OTAN tinha duas alternativas: considerar que a ameaça tinha cessado e que a possibilidade de desarmamento e dissolução estava aberta, ou considerar que o principal impedimento ao crescimento e ao domínio mundial tinha desaparecido. Foi esta segunda alternativa que adoptou**. Na mesma década em que o Pacto de Varsóvia foi dissolvido, atacou a Jugoslávia (1999) sem um mandato da ONU, causando milhares de vítimas civis, destruindo a maior parte das infra-estruturas do país e lançando as bases para o seu desmembramento.

Pouco tempo depois, o seu membro mais proeminente, os EUA, o seu principal parceiro o Reino Unido e uma figura de proa, o Reino de Espanha, os três membros da OTAN, declararam guerra ao Iraque, o seu principal parceiro o Reino Unido e uma figura de proa, o Reino de Espanha, os três membros da OTAN, declararam guerra ao Iraque, que o Secretário-Geral da ONU Kofi Annan denunciou como "ilegal do nosso ponto de vista e do ponto de vista da ONU": "As mentiras sobre a existência de armas de destruição maciça forneceram a desculpa, mas quando se verificou que não existiam tais armas, não houve consequências: os responsáveis por centenas de milhares de vidas perdidas, um país devastado e o terrorismo a atingir alturas impensáveis ficaram impunes. A NATO interviria mais tarde na Líbia e devastaria o país, destruindo as suas instituições públicas e infra-estruturas e sujeitando a população à morte e ao imenso sofrimento, ao ponto de já não ser possível falar da existência de tal país no sentido estrito da palavra.

Também não podemos ignorar a sua presença e intervenções em África. Para além da intervenção directa na Líbia em 2011, o controlo militar da OTAN sobre o Sahel e a África Central tem sido tradicionalmente deixado à França. Contudo, os EUA estão a aumentar consideravelmente a sua presença no continente desde a criação do Comando de África em 2008 e tem vindo a estabelecer um grande número de pequenas bases, fixas ou móveis, para assegurar a sua presença permanente.

**A profunda crise que precedeu a pandemia COVID-19, testada no Outono de 2018, determinou a necessidade de uma reordenação do sistema capitalista que afecta todas as esferas essenciais da vida. Isto, associado à existência de forças emergentes poderosas vistas como antagónicas, requer uma reordenação paralela da OTAN.**

A NATO procura o seu lugar no contexto de uma crise global que já dura há 14 anos. Uma crise que começou entre 2007 e 2009 e cujos efeitos se prolongaram até hoje. No início, nenhuma das reformas estruturais anunciadas foi levada a cabo; pelo contrário, o que foi feito deve ser visto como um voo para a frente que encorajou os mesmos mecanismos que o tinham provocado. O resultado da perpetuação desta crise foi o colapso que foi anunciado em Outubro de 2018 e que se prevê para a próxima década.

Entretanto, a preocupação com as alterações climáticas como consequência do modelo de produção e consumo está agora a alastrar a todos os níveis e estão a ser realizadas reuniões sucessivas para tentar encontrar medidas paliativas sem comprometer a própria essência do sistema. Neste contexto, é revelador constatar que **só os militares dos EUA emitem mais gases com efeito de estufa do que qualquer um dos 140 países da ONU que menos poluem, mas que foram expressamente excluídos da contabilidade global nos [[9]](#footnote-10)acordos climáticos**.

As instituições económicas, políticas e intelectuais mais relevantes deste sistema têm alertado o mundo para uma nova crise que descrevem como "profunda, estrutural e a longo prazo" e que exigirá em resposta mudanças que afectarão aspectos essenciais da vida, mudanças na relação capital-trabalho, mudanças tecnológicas, mudanças nas relações internacionais, na relação entre o público e o privado, aquilo a que os grandes grupos de reflexão chamaram "o grande reset".

**Nestas condições, as potências hegemónicas precisam de acumular forças e agir com determinação, propondo novos paradigmas de poupança**: desenvolvimento sustentável, mudanças técnico-produtivas, alianças económicas e comerciais, novas políticas externas..... Para além de **um plano para convencer a população da necessidade de fazer "um esforço", ou seja, aceitar viver pior para ultrapassar este drama.**

Este não é o único desafio. A emergência de potências emergentes com grande vigor técnico-produtivo e que foram capazes de superar a crise anterior com muito menos danos, põe em causa se esta é a única alternativa viável e se o que nos oferecem é o único caminho a seguir. Isto representa uma grande "ameaça" para este sistema: não só ameaça materialmente a hegemonia dos EUA e dos seus aliados, como o faz a partir do próprio capitalismo: as premissas do estado mínimo e da não intervenção na economia, a necessidade de pilhar a periferia, a ineficácia do estado (ver premissas neoliberais), o desenvolvimento através do colapso da concorrência e com ele o seu mundo. Precisam literalmente de eliminar aqueles que não se submetem e desafiá-los no seu próprio terreno.

Tal tem sido o vigor e a expansão da China que hoje ninguém pode renunciar ao comércio com este país ou fugir à capacidade tecnológica e militar da Rússia, bem como ao seu potencial de fornecimento de hidrocarbonetos. **Esta situação está a quebrar as alianças ocidentais: nem todos querem que a China seja um inimigo, que não faça sem o que produz, nem renuncie ao abastecimento energético russo, nem deixe de temer o seu potencial militar.** A crise com a Turquia e a sua aquisição de mísseis russos dão uma ideia da medida em que estes países são atractivos para muitos membros da OTAN. Mas também são aliados e formam um bloco - o bloco euro-asiático - pelo que é difícil ver como podem ser confrontados um a um.

**9.- Distribuição de papéis na Guerra Mundial: O eixo anglo-saxónico assumirá a China e a Europa assumirá a "Rússia".**

O mapa geoestratégico actual e projectado mantém os critérios hegemónicos dos EUA: os aliados europeus tratarão da "Rússia", enquanto o eixo anglo-saxónico tratará da China na Ásia-Pacífico. **A NATO será a cola que ligará esta estratégia de poder**. Conforme acordado, uma questão importante foi excluída da cimeira: As relações UE-NATO e a divisão de papéis e cenários. Espera-se que esta questão seja tornada pública num comunicado antes da cimeira. Não se pretende que esta questão contamine de forma alguma uma cimeira em que tudo deve parecer unificado e de excelência.

Já durante a presidência de Barack Obama, foi levantada a necessidade de uma divisão de papéis entre a Europa e os EUA, com a OTAN a actuar como elemento de ligação. Os EUA, com a colaboração do eixo anglo-saxónico, centrariam a sua acção na Ásia-Pacífico, como uma área para o desenvolvimento de assédio e possíveis ataques contra a China. A Europa será responsável pelo assédio e possíveis confrontos com a Federação Russa (Rússia para o Ocidente). **A OTAN é a assembleia desta estratégia.**

**Em 2018, durante a presidência de Trump**, inicialmente muito crítica em relação à OTAN, a Comissão dos Negócios Estrangeiros da UE emitiu um relatório em 25 de Maio, no qual, em 19 antecedentes, 15 considerandos e 43 declarações, expõe as linhas gerais das relações UE-NATO, sem deixar de mencionar os EUA.

Os eixos principais eram: **A coesão europeia, afirmando as relações com a NATO e os EUA, e sobretudo definindo "Rússia" como o inimigo.**

Foi reconhecido que havia desacordos internos: "persiste o risco de enfraquecer o elo transatlântico e a solidariedade dos Estados membros da UE"; e foi proposto "que a União e a NATO são indispensáveis para garantir a segurança da Europa", uma preocupação que explica a insistência nos laços de unidade para a próxima cimeira, com uma citação expressa de "Rússia": "tanto a União como a OTAN estão preocupadas com um comportamento militar mais assertivo da Rússia".

A União saudou "a instrução da OTAN aos aliados para gastarem 2% do seu PIB na defesa, e acrescentou: **"congratula-se com a tendência contínua de aumento das despesas de defesa entre os membros da OTAN";** alargou o quadro de alianças e responsabilidades: "a cooperação com Estados não membros da NATO e com Estados não membros da NATO é parte integrante da cooperação UE-NATO".

Exigia que a área da União fosse de livre circulação militar, "eliminando as barreiras burocráticas e infra-estruturais à rápida circulação das forças e à pré-distribuição de equipamento e material militar", isto é, aceitando a Europa como um campo de batalha. Referia-se também ao rearmamento: "Recorda... a Declaração Conjunta UE-NATO de Varsóvia aos seus membros para facilitar uma indústria de defesa mais forte e uma maior investigação em matéria de defesa".

É importante notar que a cimeira prestou especial atenção à opinião pública: "de acordo com as últimas sondagens do Pew Research Center, o apoio público à OTAN é forte e crescente". Finalmente, vale a pena mencionar a instrumentalização de qualquer questão que tenha apelo dos media. O Presidente Pedro Sánchez anunciou recentemente como novidade que iria incluir a questão das mulheres na próxima cimeira de Madrid de 2022; bem, no documento que citamos a partir de Maio de 2018 diz: "Reitera (a União) o importante papel das mulheres nas missões da CSDP e da OTAN".

A Europa está a viver um dos momentos mais difíceis da história da União Europeia, com diferenças que enfraquecem o projecto europeu e para as quais não parecem ser encontradas respostas. A unidade política falhou quando o projecto da Constituição Europeia falhou, Brexit ocorreu, há Estados em rebelião aberta (Polónia e Hungria) e há outros em que a credibilidade da União Europeia está muito minada, como em Itália. **Na realidade, o que mais mantém a Europa unida neste momento é a disciplina da OTAN.**

Deve acrescentar-se que em 2017, apenas semanas antes de tomar posse, Donald Trump descreveu a NATO como uma organização "obsoleta" e, mesmo ao retirar esse termo, continuou a criticar os seus aliados por falta de empenho que era essencialmente económico, considerando que os EUA estavam a contribuir muito mais do que a sua quota-parte para a "defesa da Europa".

Isto apesar do **recente compromisso** da **UE de financiar todo um programa de reforço das infra-estruturas de transporte para permitir a circulação de equipamento pesado desde a retaguarda ocidental até às fronteiras da Rússia**, e apesar do compromisso assumido na reunião dos ministros da defesa da OTAN de criar um "Fundo de Inovação", inicialmente dotado de mil milhões de euros, fornecido [[10]](#footnote-11)exclusivamente por países europeus, para o desenvolvimento das tecnologias de guerra mais avançadas.

É de notar que os programas de expansão de armas nucleares incluem o desenvolvimento de mísseis nucleares autopropulsionados que poderiam ser rapidamente deslocados por tais infra-estruturas**. As armas fantasmas de destruição maciça do Iraque tornar-se-ão uma realidade em solo europeu.**

Nestas condições, o reforço da unidade e da coesão é uma prioridade; ainda mais se se tornar necessário distribuir papéis e responsabilidades de acordo com os cenários. Apesar das suas declarações, a UE não actua segundo os seus próprios critérios, nem defende os seus próprios interesses. Isto é evidente quando assume a Rússia como um inimigo, quando não há razão para a considerar uma ameaça e esta depende dos seus hidrocarbonetos. Gasta desnecessariamente enormes recursos em armamento e coloca o seu próprio território à disposição da guerra, algo que o seu grande aliado, mas também o seu chefe, os EUA, obviamente nunca faria.

**Conceito Estratégico 2030 da OTAN: Unidos em guerra permanente e para a recuperação da hegemonia ocidental.**

**A cimeira de Madrid 2022 não será uma mera formalidade, porque a OTAN precisa de se reestruturar para poder continuar a hegemonia ocidental.** Daí a necessidade de todos os países estarem "unidos para uma nova era", na qual a OTAN será uma "aliança global e polivalente muito afastada da OTAN de 1949". Argumentar-se-á que "o conceito estratégico de 2010 está ultrapassado" e que é necessária uma nova estratégia. Nada disto é mera retórica.

**Unidade e coesão são indispensáveis, a transição para uma nova forma económica é inevitável, o alargamento de uma base social (jovens, mulheres) é uma necessidade.** Tudo isto para enfrentar uma nova fase e para enfrentar "inimigos" que se diz estarem a tentar "enfraquecer as instituições transatlânticas".

As questões discutidas **na Cimeira de 14 de Junho de 2021 [[11]](#footnote-12)**destinavam-se a responder a esta conjuntura e a agenda da Cimeira de 29-30 de Junho de 2022 inclui **o novo "Conceito Estratégico" [[12]](#footnote-13)**como elemento-chave**, juntamente com o recrutamento e alianças de parceiros, a mudança tecnológica e o aumento da penetração populacional.**

Um documento de 67 páginas, "NATO-2030, unidos por uma nova era", foi adoptado na Cimeira dos Chefes de Estado e de Governo da NATO a 14 de Junho de 2021; "Para integrar a sociedade civil, reuniu dois grupos de trabalho": "um de 10 peritos, composto por parlamentares aliados e membros da sociedade civil" "e outro de 14 jovens com capacidades de liderança".

Subjacente a todo o documento está a ideia central de preservar e reforçar a coesão da ligação transatlântica como uma tarefa vital face a um mundo exterior ameaçado que deve ser enfrentado. A aliança está também preocupada em construir uma base social de apoio e acredita que os mais jovens devem estar do seu lado, e não contra ela.

Este documento aborda quatro conceitos essenciais para a OTAN neste momento: **unidade**, **transição para uma nova fase** económica, política e social, necessidade de **incorporar novas gerações**, e a definição da **Rússia e da China** como **inimigas**.

De acordo com os procedimentos da Aliança, foram discutidos nesta reunião aspectos conceptuais e doutrinários, bem como o calendário para o qual foram planeados. O foco foi o "Conceito Estratégico", inicialmente estabelecido na Cimeira de 2010 e agora considerado desactualizado, e a necessidade de estabelecer um novo conceito estratégico até 2030.

A Cimeira de 2021 também registou o que a OTAN identifica como riscos e ameaças. Estes incluíam, como elemento essencial, a falta de coerência interna e também riscos de segurança, ciberataques, desinformação, guerra híbrida e subfinanciamento; e, claro, os desafios russos e chineses, bem como o terrorismo, que têm estado na agenda da Aliança há quase 30 anos.

A divisão interna foi descrita como a principal ameaça à sobrevivência da OTAN e que esta fragmentação poderia ser utilizada por actores externos (Rússia e China), cujo objectivo é "enfraquecer as instituições transatlânticas".

Os aspectos de propaganda centraram-se em tornar a OTAN mais valiosa e necessária do que nunca e que deve tornar-se uma Aliança global e polivalente, muito afastada da OTAN de 1949. Por seu lado, os EUA enfatizaram o seu desejo de uma política comum em relação à China.

Até à tomada de posse do Presidente dos EUA Joe Biden, havia muitas dúvidas sobre o alcance e a importância desta cimeira, mas a posição determinada do Presidente dos EUA levou a uma cimeira reforçada em 2021, na qual não houve diferenças de opinião excepto no que diz respeito à questão orçamental. Sobre esta questão, os Estados Unidos queriam aprovar um aumento orçamental de 100% nos próximos 10 anos, mas não houve acordo sobre isto, e o que se conseguiu foi aumentar os orçamentos sem estabelecer um montante ou um calendário. Em suma, reforçar a aliança, aumentar as possibilidades de acção, aumentar os orçamentos, uma unidade mais sólida e enfrentar os desafios colocados pela Rússia e pela China. **Foi também aprovado que na próxima cimeira, em 2022, seria estabelecido um novo Conceito Estratégico para esta década, uma peça que estrutura o desenvolvimento da OTAN durante este período.**

Biden acreditava que estas duas cimeiras marcariam uma nova era nas relações dos EUA e dos seus aliados europeus. Juntos, concordaram em aprofundar a consulta política, reforçar a dissuasão e a defesa, aumentar a resiliência, aguçar a vantagem tecnológica, fazer avançar a ordem internacional baseada em regras, promover a formação e o desenvolvimento de capacidades dos países parceiros, combater as alterações climáticas, e aumentar os investimentos nos aspectos civis e militares.

**11.- Objectivos estratégicos estabelecidos na Cimeira de 2021: Tudo será um recurso militar.**

O desenvolvimento belicista estabelecido na Cimeira de 2021 implica, de facto, a militarização de toda a sociedade. As forças armadas serão omnipresentes em todas as áreas da vida, tanto em tempos de paz como face a crises e conflitos**. O conceito chave será o de "segurança alargada" que engloba tudo no planeta, segurança militar sobre a economia, o ambiente, as comunicações, etc.**

A Spanish Defence Review informa sobre a Cimeira de Chefes de Estado e de Governo de 14 de Junho de 2021[[13]](#footnote-14): "as alterações climáticas são um dos grandes desafios definidores do nosso tempo"; e o outro é o compromisso de Reforço da Resiliência, "uma nova abordagem alargada à segurança que inclui infra-estruturas básicas, cadeias de abastecimento e comunicações". Diz-se que "assegurar que as nossas forças armadas possam operar eficazmente em paz, crise e conflito". Também não se esqueceram de citar o "papel vital da COVID-19 no apoio às nossas sociedades".

Em suma, um amplo espectro de novas áreas políticas ("segurança alargada") que abordam praticamente tudo no planeta. Esta é a nova dimensão global da OTAN. Cita também unidade e contundência de acção (exercida por um clube de democracias que defendem a liberdade individual, os direitos humanos, o Estado de direito e a adesão à Carta das Nações Unidas).

Esta revista insiste nas ameaças que a aliança enfrenta neste momento: "estamos perante uma nova era que implica novas ameaças e uma revisão do próprio conceito de segurança que já não envolve apenas aspectos militares", e cita o comunicado da cimeira: "enfrentamos ameaças multifacetadas, uma competição sistémica de poderes assertivos e autoritários, bem como crescentes desafios de segurança para os nossos países e os nossos cidadãos vindos de todas as direcções estratégicas". **Mais uma vez encontramos os mesmos temas: ameaças globais, inimigos autoritários, segurança ameaçada.**

A revisão continua: "actores estatais e não estatais desafiam a ordem internacional e procuram minar a democracia em todo o mundo; instabilidade para além das nossas fronteiras", refere-se também a aspectos mais concretos: "a proliferação de armas de destruição maciça e a erosão da arquitectura do sistema de controlo de armas e as alterações climáticas como um multiplicador de ameaças". Uma declaração que faz lembrar a doutrina da Guerra Fria de Truman com a novidade das alterações climáticas e da cibernética, acrescenta o comunicado: "as ciberactividades maliciosas podem ser consideradas equivalentes a um ataque armado".

Na área da militarização da sociedade, dois desenvolvimentos da NATO nos últimos anos são particularmente relevantes para o futuro: por um lado, o envolvimento da UE, que suportará os seus custos, na adaptação das infra-estruturas de transporte para facilitar o envio de meios de combate através da Europa em direcção à fronteira oriental; por outro lado, a emergência de "centros de excelência" e, em particular, os dedicados à cibersegurança e à "comunicação estratégica"[[14]](#footnote-15), um eufemismo para o centro de radiodifusão de propaganda da NATO, à semelhança dos já existentes nos EUA ou no Reino Unido.

**A construção de uma ameaça, seja ela real ou não, é necessária para fabricar um inimigo, o inimigo é necessário para justificar a nossa violência, a sua destruição, a guerra. A arte do engano é a chave da vitória. A criminalização sistemática e permanente de todos aqueles que resistem ao domínio ocidental, e neste momento especialmente a Federação Russa e a China, responde a esta estratégia.**

A Rússia surge mais uma vez como o principal desafio da Aliança; "as acções agressivas da Rússia constituem uma ameaça à segurança euro-atlântica". O outro protagonista do comunicado é a China: "as suas ambições declaradas e comportamento assertivo apresentam desafios sistémicos para a ordem internacional e em áreas relevantes para a segurança da Aliança"; e o comunicado acrescenta: "A China está a expandir rapidamente o seu arsenal nuclear" e "mantém a opacidade sobre o desenvolvimento da sua modernização militar".

Destacando estes países como ameaças e inimigos responde à dificuldade acrescida de acompanhar a evolução destas novas potências emergentes. Além disso, estas potências estão à margem da lógica ocidental dominante, praticam a não ingerência, não se envolvem em agressões armadas, estabelecem acordos económicos em vez de sanções, e comércio sem subjugação. Outro ponto a salientar é que são menos afectadas por crises sistémicas e mantêm um nível mais elevado de desenvolvimento técnico produtivo do que o Ocidente.

Tal vigor e força na expansão e tratamento equivalente torna muito difícil renunciar hoje em dia às relações com estes países. Isto quebra a aliança ocidental, pois nem todos querem ter a China ou a Rússia como um inimigo, nem podem passar sem os seus recursos ou produtos. No campo militar, a Rússia ultrapassa actualmente a tecnologia ocidental em vários aspectos, e a China, com a sua capacidade técnica e produtiva, está pronta a rearmar-se militarmente se for molestada.

**12. - As chaves da Cimeira de 2022 para subjugar o planeta: Defesa Colectiva, Gestão de Crises e Segurança Cooperativa.**

Um novo Conceito Estratégico com um horizonte de 2030 sairá desta cimeira de 2022. Estão previstas grandes mudanças e o conceito estratégico conterá os elementos e as linhas estratégicas para os ordenar no tempo e na forma. **Os eixos essenciais são: Defesa Colectiva, Gestão de Crises e Segurança Cooperativa. A estes devem ser acrescentados: Resiliência, vantagem tecnológica, guerra cibernética e espacial, alterações climáticas, mais a identificação comum da "Rússia" e da China como uma ameaça.**

A próxima cimeira acordada para 29-30 de Junho de 2022 será marcada pela adopção do conceito estratégico de 2030 que visa o domínio global e deter o avanço do bloco eurasiático, se necessário a nível global, e isto tem de ser feito num mundo de profundas transformações e com a ameaça de fragmentação interna.

O chamado Conceito Estratégico 2030 contém três elementos essenciais: Segurança Colectiva (também Defesa Colectiva), Gestão de Crises e Segurança Cooperativa. Estes três termos requerem tradução.

**A Segurança** ou **Defesa Colectiva** é a pedra angular da OTAN. É o princípio essencial que une os membros da NATO e está consagrado no Artigo 5º do Tratado do Atlântico Norte, que estipula que um ataque a qualquer membro da NATO será considerado um ataque a todos os aliados da NATO. Este foi o princípio invocado pelos EUA na sequência do ataque às Torres Gémeas que iniciou as operações da OTAN no Médio Oriente e que acabou por se repercutir no Mediterrâneo.

**A gestão de crises[[15]](#footnote-16)** envolve "tomar medidas", ou seja, acções de qualquer tipo, incluindo acções armadas, quer antes, durante ou depois do conflito, incluindo a guerra preventiva (Jugoslávia, Iraque) ou a acção contínua indefinida (Afeganistão).[[16]](#footnote-17)

**Segurança Cooperativa refere-se** à vasta rede que a OTAN desenvolveu praticamente a nível mundial com grupos de países ou países individuais para "cooperação prática" sobre "uma vasta gama de questões políticas e de segurança". Em termos da OTAN, uma cooperação mais inclusiva, flexível, significativa e, sobretudo, estrategicamente orientada. Estamos a falar do envolvimento ou envolvimento com os já mencionados 70 países com os quais esta organização político-militar tem alguma forma de acordo.

A estes três fundamentos básicos devem ser acrescentados: melhoria da resiliência, já mencionada; formação e capacitação; vantagem tecnológica; alterações climáticas e a força da dissuasão; guerra cibernética; e guerra no espaço. Vale a pena sublinhar as contínuas e duras referências à Rússia e à China, especialmente neste último caso, apelando a todos a intervir e colaborar contra os desafios que representam, embora já tenhamos salientado que esta última questão encontra dificuldades na conciliação de interesses no seio da Aliança, uma questão que se tenta resolver com numerosos apelos à unidade.

Vale também a pena notar a direcção que propõe em relação às armas nucleares: apoia a modernização e o vigoroso uso do arsenal nuclear das três potências aliadas, insistindo no papel fundamental da sua existência como instrumento de dissuasão; mas não uma palavra sobre as suas próprias violações dos acordos internacionais de controlo de armas, afirmando que foi a Rússia que os quebrou. Instrui também os aliados a não assinarem o Tratado sobre a Proibição de Armas Nucleares porque, de acordo com a OTAN, fornecem protecção e segurança às populações, para o que requer uma persuasão extra.

O apelo para a próxima cimeira considera que o relançamento da OTAN e o plano de expansão proposto já seria justificado pela **ameaça chinesa**, apontando as suas capacidades tecnológicas, os seus ciberataques em curso, o seu interesse na tecnologia de inteligência artificial do Árctico e a sua presença em África e na América Latina, acrescentando, em geral, ao risco sustentado que representa para o sistema institucional.

Tudo isto apesar do facto de **a Rússia e a China** terem assegurado de todas as formas possíveis e através de factos comprovados que **não aspiram à hegemonia mundial e que o que procuram é um mundo multipolar com relações equivalentes**. Os EUA preferem não acreditar nisso e fazer com que os seus aliados partilhem a mesma ideia, optando em vez disso por um cenário de confronto ao serviço dos seus interesses, especialmente os do complexo industrial militar.

**13.- O Reino de Espanha, a sede da cimeira e um actor chave na Guerra Mundial, se não o impedirmos.**

O Reino de Espanha acolhe a cimeira e desempenha um papel proeminente no duplo campo das bases dos EUA e da NATO, tem uma história de questionamento da legitimidade de ambas as subordinações, e tem sido palco de grandes mobilizações sociais contra ambas. O esforço político institucional de dentro e de fora do território para alcançar a plena integração neste momento já está em curso e será muito mais importante de agora em diante. **Só a consciência e a mobilização popular serão capazes de travar a barbárie que será acordada nesta cimeira.**

O Secretário-Geral da NATO[[17]](#footnote-18) Jean Stoltember referiu-se a Espanha, anfitriã da próxima cimeira, como se segue: **"A Espanha não só aumentou as despesas de defesa, como também inclui uma contribuição significativa para as missões e operações da OTAN": grupo de combate na Letónia, vigilância aérea báltica, defesa antimísseis na Turquia, programa Aegis em Rota e treino no Iraque e Afeganistão. Salientou também "a importância geoestratégica da Espanha".**

A Espanha, como anfitriã da cimeira, também teve algo a dizer, repetindo o que já foi anunciado, com dois aditamentos: as questões das mulheres e um maior envolvimento da sociedade civil. Sobre este aspecto, o Presidente Pedro Sánchez declarou a intenção de "abrir uma conversa com a sociedade civil", "estabelecer um diálogo aprofundado", para o qual serão desenvolvidos "eventos com a presença da sociedade civil". Tudo isto tem como objectivo tornar a sociedade "consciente do importante papel que a NATO desempenha na segurança do país". **Um programa de doutrinação talvez mais ambicioso, mas com as mesmas características que o desenvolvido pelo seu partido (PSOE) no referendo de 1986.**

A diferença é que nessa altura havia um forte movimento anti-NATO e uma consciência maioritária de rejeição que confrontava todo o aparelho de Estado, a grande maioria da classe política e dos partidos e uma grande parte das instituições, que tinham à sua disposição todos os meios de comunicação oficiais e praticamente todos os meios de comunicação privados. Mesmo assim, foi necessário recorrer à repressão, sanções, demissões, demissões, programas de rádio e televisão censurados, coacção e ameaças à população mais vulnerável, e as dúvidas sobre a veracidade do resultado continuam.

**Dada a actual fraqueza da consciência popular, o plano de doutrinação é agora um plano diferente, baseado, em primeiro lugar, na persuasão para ganhar força e visibilidade à medida que o evento se aproxima.**

A OTAN e as nossas autoridades trabalham há muito tempo num **processo de doutrinação pró-militar**: em Dezembro de 1984, a OTAN iniciou um esquema de bolsas de estudo para estudantes, investigadores e académicos; agora a abordagem é mais ampla, a partir de vários ângulos comunicacionais e institucionais. Dois exemplos: **A Universidade de Salamanca** tem organizado todo o tipo de reuniões desde 2011, em 2013, 2015, 2019 e 2020. Neste último ano, o objectivo das bolsas foi definido como "proporcionar aos participantes a oportunidade de conhecer a comunidade da OTAN e obter uma melhor compreensão e uma visão mais equilibrada da organização". No mesmo ano, a embaixada dos EUA desenvolveu reuniões com os títulos "cultura de defesa e segurança" e "o meu papel como cidadão face a novas ameaças". O outro exemplo é o da **Academia Militar de Saragoça**, que convida à participação num curso cujo conteúdo é o mesmo que o da NATO: Ameaça Híbrida, a guerra imprevisível e onde são abordados os temas centrais da organização: ciberterrorismo, ameaça híbrida, riscos nucleares, ameaças energéticas, abertura de outras áreas como os migrantes, a opinião e a imprensa, produção deliberada de ignorância, sem esquecer o objectivo recorrente; áreas cinzentas do ciberespaço: Rússia e China; Rússia como uma ameaça híbrida; ou formação de opinião geoestratégica.

**14.- É essencial recuperar a consciência social e a mobilização contra as bases militares da OTAN e dos EUA.**

Mas a tragédia não acaba aqui; as lutas contra a NATO e as Bases envolveram a mobilização de uma ampla base social onde coexistiram pacifistas, ecologistas, feministas, cristãos e numerosas correntes de esquerda de diferentes matizes, um movimento sustentado ao longo do tempo que atraiu sectores que lideraram inúmeras mobilizações de massas e conseguiram enraizar um sentimento anti-guerra na população, concretizado na rejeição das bases da NATO e dos EUA.

Para a maioria destes militantes e das pessoas que os acompanharam, a perda do referendo significou a perda da esperança de uma ruptura com o antigo regime e a perda da esperança de que a vontade do povo seria respeitada. Dezassete anos mais tarde, em certa medida, o espírito da luta contra a guerra foi reavivado nas mobilizações contra a guerra do Iraque, mas desde então esta consciência tem vindo a diminuir, enquanto que o desconhecimento das bases e da filiação na Organização do Tratado do Atlântico Norte e da forma como elas nos afectam tem vindo a crescer.

Neste momento, não existe nenhuma sensibilidade especial no Estado espanhol sobre as bases dos EUA no nosso território ou da NATO, e foi anunciada uma ampla campanha "híbrida" na qual serão utilizados todos os meios necessários para apoiar esta cimeira. **Nestas condições, aqueles de nós que lutamos pela paz, contra a corrida aos armamentos, pela plena soberania no nosso território e em qualquer parte do mundo, somos obrigados a equipar-nos com os conhecimentos necessários sobre este assunto, a difundi-lo, a criar consciência e a mobilizar-nos, fazendo-nos sentir que aqueles que promovem o belicismo e a rendição da soberania não ficam impunes, que não conseguiram liquidar a consciência e a luta política e social.** Tudo isto só será possível se sensibilizarmos, se formos determinados e se nos organizarmos o mais amplamente possível.

**Janeiro 2022**

**Frente Internacionalista Anti-imperialista**

**\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**

**Referências**

**Referências gerais:** Série de desdobráveis "Pela Paz". NATO não, bases para fora". Frente Anti-imperialista Internacionalista, Novembro de 2019:

1. [História da OTAN I (até ao fim da Guerra Fria)](https://frenteantiimperialista.org/wp-content/uploads/2021/11/Hoja-01.pdf)

2. [História da NATO II: a expansão da NATO](https://frenteantiimperialista.org/wp-content/uploads/2021/11/Hoja-02.pdf)

3. [Operações e actividades recentes da OTAN](https://frenteantiimperialista.org/wp-content/uploads/2021/11/Hoja-03.pdf)

4. [Estrutura e capacidades da OTAN](https://frenteantiimperialista.org/wp-content/uploads/2021/11/Hoja-04.pdf)

5. [As relações militares de Espanha com os EUA, a NATO e a UE](https://frenteantiimperialista.org/wp-content/uploads/2021/11/Hoja-05.pdf)

6. [Implicações e participação espanhola em operações militares hoje](https://frenteantiimperialista.org/wp-content/uploads/2021/11/Hoja-06.pdf)

7. [A NATO em números](https://frenteantiimperialista.org/wp-content/uploads/2021/11/Hoja-07.pdf)

8. [Operações expedicionárias da OTAN](https://frenteantiimperialista.org/wp-content/uploads/2021/11/Hoja-08.pdf)

9. [As últimas ameaças da OTAN](https://frenteantiimperialista.org/wp-content/uploads/2021/11/Hoja-09.pdf)

10. [NATO, uma organização criminosa](https://frenteantiimperialista.org/wp-content/uploads/2021/11/Hoja-10.pdf)

1. [A Espanha acolherá a próxima cimeira da OTAN em 2022](https://cadenaser.com/ser/2021/06/14/internacional/1623674821_540721.html). Cadena SER, 14 de Junho de 2021, com agências noticiosas. [↑](#footnote-ref-2)
2. Ver no final do texto a [colecção de folhetos "Pela paz. NATO não, bases para fora"](#bookmark=id.30lu2sty9w9n). Frente Anti-imperialista Internacionalista, Novembro de 2019. [↑](#footnote-ref-3)
3. [A Aliança Atlântica (OTAN): estrutura e objectivos](http://www.exteriores.gob.es/Portal/es/PoliticaExteriorCooperacion/ProyeccionAtlantica/Paginas/LaAlianzaAtlanticaEstructuraObjetivos.aspx). Website do Ministério dos Negócios Estrangeiros, da União Europeia e da Cooperação. [↑](#footnote-ref-4)
4. [Os exércitos secretos da OTAN](https://archivochile.com/carril_c/cc2012/cc2012-065.pdf). Daniele Ganser. Éditions Demi-lune (2007) [↑](#footnote-ref-5)
5. [Bétera lidera o exercício militar da OTAN em Espanha](https://www.lasprovincias.es/comunitat/betera-ejercicio-militar-otan-20211027112141-nt.html). Juan Antonio Marrahí. Las Provincias, 27 de Outubro de 2021. [↑](#footnote-ref-6)
6. [Sede Terrestre de Alta Prontidão (CGTAD](https://ejercito.defensa.gob.es/unidades/Valencia/cgtad/)). Sítio Web oficial do Ministério da Defesa [↑](#footnote-ref-7)
7. [Os Fuzileiros Navais e Boinas Verdes dos EUA treinam para a guerra na base militar de Rabasa](https://www.lasprovincias.es/comunitat/marines-norteamericanos-boinas-rabasa-20211021145056-nt.html). Juan Antonio Marrahí. Las Provincias, 21 de Outubro de 2021. [↑](#footnote-ref-8)
8. [A CIA em Espanha: Espionagem, intriga e política ao serviço de Washington](https://puntocritico.com/ausajpuntocritico/wp-content/uploads/2019/08/La-CIA-en-Espana-Alfredo-Grimaldos-_1_.pdf). Alfredo Grimaldos. Ramdom House Mondadori, 2006 [↑](#footnote-ref-9)
9. [Os militares americanos poluem mais de 140 países: esta máquina de guerra deve ser redimensionada](https://theconversation.com/el-ejercito-de-estados-unidos-contamina-mas-que-140-paises-se-impone-reducir-esta-maquinaria-de-guerra-119562). The Conversation, 3 de Julho de 2019. [↑](#footnote-ref-10)
10. [Biliões de euros para "inovar" na NATO nuclear](https://www.voltairenet.org/article214467.html). Manlio Dinucci. Rede Voltaire, 27 de Outubro de 2021 [↑](#footnote-ref-11)
11. [A cimeira "postobsolete" da OTAN](https://fundacionfaes.org/es/contenido/47457/la-cumbre-de-la-otan-a-postobsoletaa). Grupo de Análise FAES. Fundação FAES, 14 de Junho de 2021. [↑](#footnote-ref-12)
12. [A nova estratégia da OTAN será aprovada na Cimeira de Madrid de 2022](https://elpais.com/espana/2021-06-13/la-nueva-estrategia-de-la-otan-se-aprobara-en-la-cumbre-de-madrid-2022.html). Miguel González. El País, 13 de Junho de 2021 [↑](#footnote-ref-13)
13. [Uma Aliança consolidada e reforçada](https://publicaciones.defensa.gob.es/pprevistas/REVISTAS_PAPEL22344/page_6.html). Rosa Ruiz. Spanish Defence Review, Julho/Agosto de 2021 [↑](#footnote-ref-14)
14. [A "batalha pelo seu cérebro" travada pelos militares ocidentais](https://popularresistance-org.translate.goog/battle-for-your-brain-waged-by-western-militaries/?_x_tr_sl=auto&_x_tr_tl=es&_x_tr_hl=es&_x_tr_pto=nui). Ben Norton. A Intercepção, 11 de Outubro de 2021 [↑](#footnote-ref-15)
15. [Gestão de Crises e Resolução de Conflitos: Será a NATO a solução](https://iecah.org/gestion-de-crisis-y-resolucion-de-conflictos-ies-la-otan-la-solucion/)? Institute for Conflict Studies and Humanitarian Action (Instituto de Estudos de Conflitos e Acção Humanitária), 14 de Novembro de 2010. [↑](#footnote-ref-16)
16. [Exclusivo: Dentro do Exército Secreto Secreto do Exército Secreto Militar](https://www.newsweek.com/exclusive-inside-militarys-secret-undercover-army-1591881). William M. Arkin. Newsweek, 17 de Maio de 2021 [↑](#footnote-ref-17)
17. [Madrid acolherá a cimeira da OTAN a 29 e 30 de Junho de 2022](https://www.publico.es/politica/madrid-albergara-cumbre-otan-dias-29-30-junio-2022.html). Público, 8 de Outubro de 2021 [↑](#footnote-ref-18)